

CRUZ E SOUSA: O POETA DAS INTENSAS QUIMERAS DO DESEJO

Tânia Regina Oliveira Ramos
UFSC

O poeta vos pede pouco, muito pouco

Cruz e Sousa

Cruz e Sousa é o que se pode chamar de “meu poeta simbolista”. Independente da questão de gosto, e de até um certo desconhecimento de sua obra, seu nome será sempre associado à escola literária simbolista questionada pelo próprio Poeta: “a velha questão das escolas, dos grupos, que desorienta e confunde a todos” (*Obra Completa*, p. 555)¹.

Ao ler a sua obra, podemos constatar, na poesia e na prosa (tão ou mais profícua), que sua concepção de Arte é determinada pela dimensão ética e enraizada numa postura pessoal, que não pode ser generalizada através de conceitos.

Embora a análise exaustiva, feita pelo professor Affonso Romano de Sant’Anna em *O Canibalismo Amoroso*², é nesta linha de análise, que demonstraremos a possibilidade de se ler a poesia de Cruz e Sousa em relação ao desejo.

Não nos causa espanto que as figuras associadas ao desejo amoroso adquiram características de símbolo, enquanto elementos dotados de elevado poder catalizador de abstrações. Alguns exemplos, considerando que as possibilidades de ilustração são inúmeras, serão suficientes para que se perceba a configuração simbólica do desejo na poesia de Cruz e Sousa. Através da noiva

morta, da monja, da virgem, da prostituta, da freira, da santa, o Poeta consegue ficar no nível da transcendência desejada:

Então, ó Monja branca dos espaços (OC, p. 72)

Virgem, Regina, Eucaristia, Coeli (OC, p. 75)

Ó noiva do sepulcro solitário (OC, p. 83)

Rosa negra da treva, Flor do Nada (OC, p. 265)

Mas é na sua prosa que o Poeta desvela e revela a mulher, enquanto objeto do desejo e objeto poético. O ensaio *Mulheres* (OC, 443) parece iluminar, de modo particularmente fecundo, uma possível leitura da relação entre o artista-espírito com o objeto mulher-matéria:

Quanto mais elas forem complexas, segredantes, misteriosas, tanto mais a análise se manifestará mais arguta, penetrante, de um modo experimental, nu, amplo; e as mulheres, afinal, ficarão diante do artista como documento; palpitantes de uma dada natureza, provas flagrantes de paixões veementes, de desejos, de vontades, de uma infinidade de atributos e qualidades radicalizadas na alma feminina e que o pensamento do artista investiga, conhece, põe, para fora, a toda luz, como se expusesse na presença do mundo, explicando a função de cada um, os milhares de glóbulos de sangue, que circulam no organismo humano.

A dor de tudo isso, porém, a pungitiva dor de tudo é que o artista não pode assim como todos, espontaneamente amar (OC, p. 445) (Grifo nosso).

O que se constata acima é que, em Cruz e Sousa, não são manifestas explicitamente as ambigüidades de uma ideologia machista, como se percebe na poesia modernista, ainda que seja evidente a relação e a interdição entre linguagem e expressão do desejo masculino.

Escolhemos propositalmente para ilustrar a leitura de sete poemas com títulos que ilustram o corpo, na sua anatomia. Foram publicados nesta ordem, em *Faróis* e, devidamente, numerados: CABELOS (I), OLHOS (II), BOCA (III), SEIOS (IV), MÃOS (V), PÉS (VI), CORPO (VII).

O Poeta elabora uma observação descendente do corpo na sua anatomia. Começa a "cantar" os cabelos, até chegar aos pés, e totalizar no poema CORPO que, sintomaticamente, é o último desta série.

Passamos, então, à ilustração dos poemas, através do levantamento de seu processo imagético.

CABELOS (I) cabelos negros, esplendor sombrio, fluido, vago e frio, brumosos e longos pesadelos, sonhos, mistérios e ansiedades, convulsões, estio, beijos inclementes, dolências fatais, nostalgia, lânguida Noite da Melancolia.

OLHOS (II) eterna castidade, estranha claridade, imortal couraça, luz aziaga, melancolias de outras eras.

BOCA (III) deleites e delírios, volúpia carnal e alucinada, boca de Arcanjo tentadora, boca de Ofélia, faunos inquietos, estranha boca; boca de mirra e incensos, filtros e tóxicos secretos.

SEIOS (IV) aroma embriagador, árvores do mal fascinadoras, negras mancenilhas tentadoras, vagos narcotismos venenosos, volúpias pecadoras, paragens fatais, aterradoras, tédio, desertos tenebrosos, esplendor do sangue, êxtases lascivos, velhos faunos febris.

MÃOS (V) mãos ebúrneas, esquisitas tulipas, lânguidas mãos, sutis e abandonadas, ciúmes tenebrosos, féretro medonho, frias e murchas, mistérios simbólicos.

PÉS (VI) lívidos, frios, sinistro aspecto, rotos em chaga, doloroso e inquieto, adeuses soluçantes, enrijecidos, aterradoramente indefinidos, fascinações dilacerantes.

Este "pandemonium" de expressões simbólicas faz-se necessário para mostrar que o processo imagético redonda em metáforas de fechamento, sofrimento, morte e interdição. Além disto, não há, em nenhum poema, a nível do dito, referência de que o corpo seja feminino. Inclusive, o corpo manifesta-se "aterradoramente indefinido". A interdição do desejo começa neste plano: *a não figuração do objeto*. No momento da descrição idealizada da mulher, ela se dilui em imagens neutras, torna-se eroticamente assexuada e é configurada em "prostituta". No poema VI, *PÉS*, as figuras e imagens esclarecem que o objeto desejado está morto:

Pés que bocas febris e apaixonadas
 purificaram quentes, inflamadas,
 com o beijo dos adeuses soluçantes.
 Pés que já no caixão, enrijecidos,
 atterradoramente indefinidos
 geram fascinações dilacerantes.

Assim esquematizado o registro imagético dos poemas, parece evidente a conclusão: a vontade é interdita, mas não a expressão do desejo. A claridade e as metáforas fluidas voltam no poema síntese, CORPO (VII), onde o Poeta canta a transparência e a transcendência:

As formas imortais, claras e ufanas,
 da graça grega, da beleza pura,
 resplendem na arcangélica brancura
 desse teu corpo de emoções profanas.

E as águias da paixão brancas, radiantes,
 voam, revoam, de asas palpitantes,
 no esplendor do teu corpo arrebatadas.

O espaço ideal não é apenas preenchido pelo “fauno febril”, mas muito mais pelo Artista, pelo fazer poético, na mais pura acepção formal de Poesia. Basta, assim, a leitura dos sete poemas que compõem este “corpo” poético de Cruz e Sousa para se compreender a expressão simbólica do desejo. A mulher, para se converter em objeto estético, precisa ser objeto estático e inatingível. Por sua vez, o Poeta fica sempre oscilando entre a consciência e a inconsciência, o sono e a vigília, como bêbado, sonâmbulo, possesso, louco, clown... Desta maneira, recalca e sublima o seu princípio de realidade.

Por isso é que muito naturalmente, por intuição própria, as mulheres percebem que não poderão jamais amar os artistas, tendo até para eles uma repulsão como que instintiva e sendo mesmo indiferentes às suas solicitações mais veementes e calorosas.

(OC, p. 447).

Aceita a recusa, pela poesia, através da passividade do elemento feminino, o sono e o sonho tornam-se perspectivas inalienáveis: “Dormir, sonhar...” E o elemento humano, assume a função lírica desejada pelo Poeta:

Ó Formas vagas, nebulosidades!
Essência das eternas virgindades!
Ó *intensas quimeras do desejo*.

Desta forma, a despeito de possíveis contradições, Cruz e Sousa se situa e estabelece um acordo entre a sua realidade possível e a sua consciente representação simbólica, independente inclusive da estética simbolista teoricamente codificada em manifestos. A sua prosa, por exemplo, diz muito para nós, estudiosos da literatura, tanto quanto a escola literária que, segundo ele, “desorientava”. Eis um exemplo quando fala das mulheres:

As mulheres, para o Artista, para a estesia exigente, requintada, são apenas um elemento de sugestão estética, amoldável às necessidades artísticas do sugestionado (OC, p. 446).

Desta forma, a leitura da sua obra faz-nos concluir que entre as “intensas quimeras do desejo”, Cruz e Sousa é o pandemonium da literatura brasileira. “O pandemonium de suspiros soltos / dos condenados corações revoltos”, diluído nos cabelos, nos olhos, na boca, nos seios, nas mãos, nos pés, no “corpo” simbólico de sua literatura.

Notas

- 1 As referências à poesia e a prosa de Cruz e Sousa são de sua *Obra Completa*, publicada pela Editora Aguilar no Rio de Janeiro em 1961.
- 2 SANT'ANNA, Afonso Romano de. *O Canibalismo Amoroso*. SP: Brasiliense, 1984.